Mwan60LE

FEVEREIRO 2010

EDIÇÃO GRATUITA

www.embaixadadeangola.org

EDIÇÃO DOS SERVIÇOS DE IMPRENSA DA EMBAIXADA DE ANGOLA EM PORTUGAL

ENXURRADAS NA MADEIRA

DOS SANTOS ENDEREÇA MENSAGEM AO POVO PORTUGUÊS

osé Eduardo dos Santos endereçou uma mensagem de pesar ao seu homólogo português, Aníbal Cavaco Silva, e às famílias enlutadas, pelo falecimento de cerca de 42 pessoas vítimas das enxurradas que ocorreram na cidade do Funchal, Ilha da Madeira. O Chefe de Estado exprimiu a solidariedade do Governo e do povo angolano ao povo luso pelas vítimas e pela destruição de várias infra-estruturas, bem como pelos avultados prejuízos materiais.

EMBAIXADOR NA SIC:

«NÃO HÁ MODELOS DE DEMOCRACIA PERFEITOS»

embaixador de Angola em Portugal considera que o texto constitucional aprovado pela Assembleia Constituinte angolana não torna o País menos democrático. "O conceito de Democracia é discutível", refere José Marcos Barrica, numa entrevista a SIC.

ANDEBOL: ANGOLANAS GANHAM MAIS UM CAN

A selecção nacional sénior feminina de andebol conquistou, este mês, o seu décimo título Africano das Nações ao vencer a Tunísia por 31 - 30, na final da XIX edição do CAN, disputado no Egipto. As "meninas de ouro" continuam assim a fazer história, garantindo dez títulos em quinze participações. Numa mensagem endereçada às campeãs africanas, o Presidente da República, José Eduardo dos Santos, realça o facto de o décimo título ter sido alcançado com empenho, traduzindo a determinação e a vontade de vencer da juventude angolana.

MATAMBA:

ACTOR, CANTOR E MODELO

Pág. 15

A ctor, cantor e modelo, "em constante afeiçoamento", Matamba Fernando Reis é, aos 28 anos, um caso de sucesso em termos de integração em Portugal, apesar de "ser ainda uma sociedade não totalmente aberta às novas tendências, mesmo depois de ter provado alguns sabores trazidos África".

4 DE FEVEREIRO EM PORTUGAL



EMBAIXADOR MARCOS BARRICA: "O HOMEM ESTÁ NO CENTRO DAS ATENÇÕES"

embaixador de Angola em Portugal, José Marcos Barrica, disse que o actual Programa de Governo colocou o homem no centro das preocupações, designadamente na satisfação das suas necessidades materiais e espirituais.

Dissertando sobre "O Processo de Reconstrução Nacional – Os Compromissos Sociais do Governo", que assinalou o 4 de Fevereiro, em Lisboa, Marcos Barrica enfatizou que "se antes as preocupações do País estavam direccionadas para a sua estabilização e a luta contra as ingerências externas, hoje a meta é a área social", realçando terem sido alocados 30 por cento do Orçamento Geral do Estado (OGE) para áreas como a Educação, Saúde, Reinserção Social, Emprego e Habitação. Destacou ainda a construção de novos hospitais e centros de saúde, o aumento da rede escolar básica e o surgimento de sete novas universidades públicas, entre vários outros empreendimentos.

MWANGOLÉ



osé Eduardo dos Santos assegu-🗾 rou que "as questões relativas à responsabilização pelos graves danos cometidos no passado, caso sejam identificados, serão tratadas pelas entidades competentes". José Eduardo dos Santos disse que "as primeiras acções a levar a cabo no âmbito da aplicação de uma estratégia de moralização da prestação de serviço na Administração Pública são a aprovação da Lei sobre a Probidade Administrativa, a reorganização das Finanças Públicas e a melhoria da sua gestão - com assistência técnica da já referida sociedade de consultores - e ainda a revisão da Lei do Tribunal de Contas". MORALIZAR VIDA PÚBLICA

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: «VAMOS ESTABELECER UMA DATA DE CORTE»

O Presidente da República, José Eduardo dos Santos, anunciou "um novo ponto de partida" para a moralização da vida pública, com novos métodos de trabalho, disciplina, consciência e um perfil do servidor do Estado mais adequado às tarefas e à função. "Vamos estabelecer uma data de corte", afirmou o Chefe do Governo, ao discursar na cerimónia de posse do Vice-Presidente da República, Fernando da Piedade Dias dos Santos, e ao Governo resultante da aprovação da Constituição, para "marcar um novo ponto de partida e começar de novo", "reafirmar a tolerância zero" e "caminhar para afrente e construir um futuro melhor para todos".

"Probidade, no senso comum, quer dizer honestidade, honradez, integridade de carácter e, neste contexto, define os deveres, as responsabilidades e as obrigações dos servidores públicos na sua actividade quotidiana, de forma a assegurar-se a moralidade, a imparcialidade e a honestidade administrativa", sublinhou. A Lei sobre a Probidade Administrativa, precisou, vai estabelecer "as bases e o regime jurídico relativos à moralidade administrativa e ao respeito pelo património público, reunindo num só diploma legal a legislação sobre o assunto que hoje está dispersa e a sua aplicação vai desencorajar os órgãos e agentes

públicos que queiram fazer do erário público uma fonte de enriquecimento ilícito". O chefe do Executivo anunciou que "a assistência à reorganização e gestão das finanças públicas e à capacitação de quadros será um exercício similar ao que fizemos anos atrás com os serviços alfandegários, quando a situação era caótica". José Eduardo dos Santos pediu ao Governo que comece a desdobrar as ideias gerais em planos e instrumentos de acção para "criar valor e melhores condições de vida aos angolanos". "Não vamos partir do zero", declarou o Presidente, sublinhando que as bases de trabalho são o Plano Nacional, o Orcamento

Geral do Estado e vários Programas Executivos sectoriais, aprovados pelo Governo cessante, os quais "carecem apenas de ajustamentos ou adequacão ao novo momento e aos novos desafios que se enfrentam". O Presidente da República anunciou ainda que o Programa Nacional de Habitação Social e os programas executivos destinados a melhorar a vida no meio rural e periferia das cidades vão ser reajustados, definindo esta tarefa como "prioridade das prioridades do Executivo". José Eduardo dos Santos pediu racionalização dos meios e aumento da eficácia na execução acelerada dos programas do Governo.

ANGOLA AVALIA COOPERAÇÃO MILITAR COM PORTUGAL



ministro da Defesa Nacional de Angola, Cândido Van-Dúnem, avaliou com o chefe do Estado-Maior do Exército português, José Luís Pinto Ramalho, assuntos de cooperação no domínio militar. No final do encontro, Cândido Van-Dúnem lembrou que os dois países já cooperam no domínio da defesa, mas que "a cooperação pode ser aprofundada". O ministro disse que a visita do Chefe de Estado-Maior do Exército português visou, também, "rever a coordenação" das acções em curso no âmbito da cooperação entre os dois países, no domínio da Defesa. O chefe de Estado-Maior do Exército português sublinhou que durante a sua estada em Angola, abordou com o homólogo angolano, Jorge Barros Gutu, o reforço da cooperação entre os dois exércitos. O oficial superior português referiu existir "um grande entendimento, amizade e transparência entre os dois países". Angola, segundo Jorge Barros Gutu revelou, elegeu a aérea de formação de quadros como prioridade na cooperação entre os dois países. Durante a sua permanência em Angola, o chefe de Estado-Maior do Exército português foi recebido ainda pelo Chefe do Estado-Maior general das Forças Armadas Angolanas, Francisco Pereira Furtado.

CONSTITUIÇÃO

PRS:

«VOTÁMOS COM SENTIDO DE ESTADO»



Partido de Renovação Social (PRS) considerou insultuosas as críticas de outros partidos da oposição por ter votado a favor da Constituição da República. "Temos sido alvo de críticas insultuosas feitas por alguns partidos da oposição, através de artigos publicados na imprensa, pretendendo pôr em causa uma decisão soberana, tomada em consciência por um partido soberano", afirmou o secretário-geral e porta-voz do PRS, João Baptista Ngandajina. Reafirmou o compromisso do seu partido com a paz e a democracia, assegurando que o PRS vai continuar a respeitar as decisões que salvaguardam as garantias dos

direitos e liberdades fundamentais dos cidadãos. "Ouvido o Conselho Político, em reunião magna, tomámos uma decisão com sentido de Estado e votámos a favor da aprovação da Constituição, com a esperança de que iremos edificar, todos juntos, uma sociedade justa e de progresso que respeita a vida, a igualdade na diversidade e a dignidade das pessoas", afirmou Ngandajina. O porta-voz da terceira maior força política frisou o facto de o PRS discordar da ideia de que se trata de uma Constituição monolítica, embora considere a elaboração do documento "assente na base das decisões da maioria".

4 DE FEVEREIRO EM PORTUGAL

«O MAIS IMPORTANTE É O SIGNIFICADO DA DATA», DIZ PEDRO PACAVIRA

O acto comemorativo do 4 de Fevereiro em Portugal foi marcado pela realização, em Lisboa, de uma conferência "4 de Fevereiro: A Luta Armada, a Independência e a Reconstrução Nacional", tendo como convidado especial o nacionalista Manuel Pedro Pacavira, embaixador angolano em Itália.

N a conferência, realizada num conhecido hotel lisboeta, Manuel Pedro Pacavira considerou ser importante que a data do início da luta armada de libertação nacional, seja visto mais pelo seu significado para a libertação do País "ao invés de nos determos em questões de saber quem foram ou não os seus protagonistas".



Intervenção de Edmundo Rocha

Ele próprio um dos "heróis" daquela manifestação, afirmou que o assalto às cadeias coloniais de Luanda "foi um acto de grande bravura e significado histórico". Segundo Pedro Pacavira, nas suas "reflexões sobre o 4 de Fevereiro de 1961 como ponto de partida para a independência nacional", o heroísmo



Embaixador Marcos Barrica, ladeado pela jornalista e socióloga Luzia Moniz, atento à intervenção de um participante.

dos patriotas angolanos, que, com catanas, enfrentaram tropas portuguesas, "foi a tocha que iluminou a Nação e fez brotar os ideais de luta dos intelectuais e políticos angolanos, visando a Independência, em 11 de Novembro de



Embaixador Manuel Pedro Pacavira.

1975". Assinalou ainda que o acto protagonizado pelo 4 de Fevereiro constituiu ainda num legado de honra aos nacionalistas do pré-nascimento do País, tais como Ngola Kiluanje, Jinga Mbandi, Ekuikui II, Mandume, entre outros.



Intervenção do embaixador Marcos Barrica.

Perante uma plateia composta maioritariamente por jovens estudantes, à estes o diplomata pediu para regressarem ao País a fim de enfrentarem a tarefa de reconstrução nacional, processo para o qual, "é necessário que sejam munidos de formação técnico-profissional". "Agora a tarefa de servir o amanhã de Angola cabe a vós jovens", acrescentando comovidamente que "muitos da



Momento do hino nacional.

minha geração já morreram, e os que ainda estão em vida, ou estão mutilados ou estão atacados com várias doenças, como resultados dos anos em que estiveram nas cadeias coloniais, disse, numa intervenção moderada pelo nacionalista Edmundo Rocha.



Representantes da comunidade saudam o embaixador.

EMBAIXADOR MARCOS BARRICA

"HOMEM NO CENTRO DAS ATENÇÕES"



Por sua vez, o embaixador de Angola em Portugal, José Marcos Barrica, chamado a dissertar sobre "O Processo de Reconstrução Nacional - Os Compromissos Sociais do Governo", disse que o actual Programa de Governo colocou o homem no centro das preocupações, designadamente na satisfação das suas necessidades materiais e espirituais.

País estavam direccionadas para a sua estabilização e na luta contra as ingerências externas, hoje a meta é a área social", realçando terem sido alocados 30 por cento do Orçamento Geral do Estado (OGE) para áreas como a Educação, Saúde, Reinserção Social, Emprego e Habitação. Com a moderação da jornalista e socióloga angolana Luzia Moniz, Marcos Barrica destacou a construção de novos hospitais e centros de saúde, assim como o aumento da rede escolar básica e o surgimento de sete novas universi-

dades públicas, entre vários outros empreendimentos. Quando à questão da empregabilidade, o diplomata angolano ressaltou o fomento de emprego, através de projectos de criação de pólos industriais e agrícolas, favorecidos, também, pela potencialidade do País em recursos hídricos e do andamento do processo de desminagem. Apontou ainda a diversificação económica encetada pelo Governo angolano e a ampliação da rede de serviços, como factores que contribuirão para a oferta de oportunidades de trabalhos, sobretudo, para os jovens do País.

MPLA FIEL AOS IDEAIS DO 4 DE FEVEREIRO

Secretariado do Bureau Político do MPLA afirma que no quadragésimo nono aniversário do 4 de Fevereiro, que marca o início da luta armada, os angolanos estão perante um acontecimento que é "um marco importante na derradeira etapa de resistência ao regime colonial e um indelével contributo" para a conquista da independência de Angola. "O 4 de Fevereiro aconteceu como resposta à permanente recusa, pelo regime colonial português, de propostas que lhe haviam sido apresentadas, por patriotas angolanos, tendo em autodeterminação e independência de Angola e constitui o derradeiro arranque da marcha vitoriosa da revolução popular, pela libertação do nosso Povo martirizado, que culminou em 11 de Novembro de 1975", afirma. A mensagem refere ainda que "as comemorações de mais um aniversário do início da

Luta Armada de Libertação Nacional, em período de paz efectiva e num momento em que se consolida a estabilidade do processo democrático, com a aprovação, pela Assembleia Nacional, da Constituição da República, representam, para o MPLA, um factor de reafirmação do compromisso de materializar a construção de uma sociedade justa, harmoniosa e solidária no nosso País". O Secretariado do Bureau Político do MPLA refere ainda que "o exemplo dos heróis daquela gesta patriótica deve servir de incentivo às novas gerações de Angolanos, ma activa e construtiva, no projecto que visa catapultar o País a níveis de desenvolvimento que permitam elevar o bem-estar das populações e aprofundar e consolidar o Estado Democrático e de Direito, no estrito respeito pelos ideais defendidos por todos quantos se bateram pela libertação da Pátria".

4

NACIONALISTA PEDRO VAN-DÚNEM RECORDA 4 DE FEVEREIRO

O nacionalista Pedro Van-Dúnem, ex-ministro dos Antigos Combatentes, afirmou que o ataque à Casa de Reclusão de Luanda e à esquadra da polícia na Estrada de Catete, no dia 4 de Fevereiro de 1961, foi preparado durante quatro anos, por três gerações. Para o sucesso da acção, houve uma organização muito forte que estava enraizada na zona urbana e nos muceques de Luanda. A ordem para o ataque partiu da casa do nacionalista Imperial Santana, no município do Rangel. Para o ataque, estavam mobilizados 3.125 combatentes, mas apenas 250 apareceram, que foram divididos em dez grupos de 25 elementos.

Que recordações tem do que aconteceu no dia 4 de Fevereiro de 1961?

Algumas recordações são de satisfação e outras de muita tristeza! Porque naquele dia desapareceram muitos compatriotas meus. As recordações de alegria são aquelas que, tendo em conta os objectivos pelos quais nos atiramos contra os colonos, podemos dizer que alcançámos aquilo que pretendíamos. Com o nosso grito tivemos um objectivo fundamental, despertar o mundo para a causa da independência de Angola.

Quem preparou a acção do 4 de Fevereiro?

O 4 de Fevereiro foi preparado muito antes de 1961. Como consequência da fase dura do colonialismo que o povo angolano foi atravessando, chegou uma altura em que grupos clandestinos se foram preparando para reivindicarem do Governo colonial português a libertação nacional. Para preparar o 4 de Fevereiro, tivemos um período anterior de três gerações. A primeira geração é a que compreende os mais velhos do "Processo dos 50", que deu a primeira machadada no Governo colonial português. Estavam neste processo Mendes de Carvalho, Amadeu Amorim, Manuel Lisboa, Noé Saúde, Manuel de Sousa, Garcia Contreiras, entre outros, num total de 150 nacionalistas. Foram descobertos pela PIDE porque, infelizmente, foram denunciados.

Em Angola houve muitos que contribuíram para a independência do país, mas também houve muitos que prejudicaram a luta de libertação nacional. Para estes, bastava receber 500 escudos para denunciarem um camarada que estava no processo de luta clandestina. Foi assim que a maior parte dos integrantes do "Processo dos 50" foi descoberta e presa.

E o que aconteceu com os que ficaram?

Os que ficaram deram continuidade à luta clandestina, mas também começaram a cair e, em 29 de Março de 1959, foram julgados pelos tribunais militares territoriais. Apanharam penas pesadas e foram deportados para o Tarrafal, Cabo Verde. Esta geração deixou alguns camaradas na luta clandestina que vieram a constituir uma outra força dinâmica. Mas, mesmo assim, a direcção deste grupo foi presa. Em 1959 cai o "Processo dos 50" e, em 1960, cai o segundo grupo que é a geração de Pedro Pacavira, Adolfo João Pedro, Adriano João Sebastião, Fernando Coelho da Cruz, Celestiano Gambôa, Manuel Gambôa, Joaquim Bernardo Silas, Bernardo David Eça de Queiroz, Velasco, Colombo, Adolfo da Conceição, Carvalho Costa, Humberto Costa, Cândido Costa, entre outros, que foram



presos. E sobram ainda outros. Foi uma sequência de golpes que nós fomos apanhando do colono para destruir completamente as células clandestina. O terceiro grupo que sobra da segunda geração da luta clandestina, do qual eu fazia parte, tem a experiência de 1958, 1959 e 1960. Os acontecimentos do 4 de Fevereiro de 1961 nasceram de uma organização muito forte que estava enraizada no tecido urbano de Luanda e nos muceques.

Qual era a diferença entre a cidade e urbano e os muceques?

A diferença é que a maior parte dos nacionalistas que trabalhavam clandestinamente na cidade eram considerados pelos colonos como os civilizados e encarregavam-se de fazer os panfletos de sensibilização à população para aderir à luta. Os combatentes dos muceques eram aqueles que não tinham formação académica, onde se encontravam os operários. Esses iam para a cidade de asfalto à noite, buscar os panfletos que, posteriormente, eram distribuídos nos muceques. Mas só panfletos não chegavam.

Na altura, qual era a sua função?

Nesta altura, eu era enfermeiro no Hospital Maria Pia. Tinha 20 anos. Preparei medicamentos, material de sutura e de cirurgia. Quando se deu o ataque fui o primeiro enfermeiro que participou nos socorros aos feridos do 4 de Fevereiro..

Quando passaram à acção armada?

Quando chegámos a 1961, aí sim, veio a ordem para o ataque. Mas não houve tempo para avisar toda a gente, por isso é que dos 3.125 homens mobilizados só apareceram 250. Portanto, o 4 de Fevereiro não contou com a participação de muita gente. Foram apenas 250 homens divididos em 10 grupos. Cada grupo tinha 25 homens. Às 15 horas do dia 3 de Fevereiro de 1961 eu já estava no quintalão da casa do Imperial Santana de onde nós partimos.

Partiram da casa de Imperial Santana ou do Marco Histórico do Cazenga?

Não, não é verdade que tivéssemos partido do local onde está o Marco Histórico. Aí foi apenas um centro de concentração, como foi também a Norte do Cacuaco, onde tivemos preparação com catanas. A PIDE deu conta que nós estávamos naquelas matas dos Mulenvos e tivemos que deixar o lugar para vir continuar a preparação ali onde está o Marco Histórico. Fizemos o guartel-general na casa do falecido Imperial Santana, no Rangel, na rua da Dona Amália, na loja do Pernambuco. Antes era cantina e hoje é loja do mais velho Avelino. Havia um quintal grande e toda a gente foi para lá a partir das 15 horas do dia 3 de Fevereiro de 1961. Como havia muitos becos, o estado-maior deu ordens para que cada um de nós, com catanas, estivesse naqueles becos para não deixar passar ninguém no perímetro da casa do Imperial Santana. E isso foi cumprido. Muitos não estavam no processo clandestino. Estávamos seguros de que iríamos para a luta e sobreviveríamos. Eu participei na frente onde morreram mais polícias. Foi na esquadra da Estrada de Catete, hoje Unidade Operativa de Luanda.

Como estavam vestidos para o ataque?

Estávamos vestidos de calções e camisolas pretos, de "quedes" (sapatilhas) e gorros. Muitos não tinham, mas os que estavam mesmo preparados já tinham as catanas e as roupas em casa. Quando começámos a afluir à casa do Imperial Santana, a ordem era "sentou e ninguém fala". O estado-maior tinha como comandante-geral o Paiva Domingos da Silva e o Imperial Santana exerceu a função de logístico. Nos estávamos bem organizados. Por isso é que tivemos o sucesso que tivemos, apesar de termos perdido também muitos homens. Cada um tinha a sua catana. Antes do ataque, as catanas e os gorros foram recolhidos pelo estado-maior para dar preparação tradicional, enquanto continuávamos sentados. Depois da preparação, os meios foram distribuídos.

Como foi a preparação?

Fizemos um círculo. O chefe punha-se no meio com um foguete na mão e um fósforo. Foi recomendado que ninguém se esquecesse de fazer o círculo. Antes de sairmos da casa do Imperial bebemos um produto qualquer que não sabíamos o que era e fizemos uma grande oração. Acredito que, na hora da partida, foi Deus que nos deu força. O comandante Virgílio Sotto-Mayor foi o primeiro a chegar à frente de combate. Foi morto no mar de S. Tiago, no Sambizanga, fuzilado no grupo dos sobreviventes. Foi um homem que

desferiu o primeiro golpe porque, saindo da casa do Imperial, foi atacar a Emissora Oficial, junto aos CTT da Cuca. Em menos de cinco minutos já estavam a actuar. Começamos a ouvir os primeiros foguetes. Na minha frente não fomos a tempo de cumprir.

Porquê? Não cumpriram as formalidades?

FEVEREIRO 2010

Não cumprimos porque, quando os 25 homens estavam formados para cumprirmos a formalidade, veio um homem de motorizada que gritou em kimbundo: "em S. Paulo estão a abater-nos como moscas, vamos fugir". Mas o Domingos Manuel, comandante do meu grupo, travou-nos e disse que não podíamos fugir. Este pequeno grupo avançou com um grito de "Viva Angola", atravessamos a porta e encontramos dois sentinelas. Os que tinham mulher não podiam despedir-se dela. Os que o fizeram, tombaram! O Imperial foi atacar a casa de reclusão e foi ferido a tiro. Mas em S. Paulo, onde estava a PIDE, morreu um polícia. Na minha Frente, na Unidade Operativa, morreram nove polícias e nós não éramos mais que dez.

Que organizações políticas estiveram na origem do 4 de Fevereiro?

O movimento clandestino não teve só elementos do MPLA. Nesta altura, os dois movimentos eram o MPLA e a UPA. Havia clandestinos que se identificavam com o MPLA, embora não se conhecessem porque a clandestinidade era muito fechada. O "grupo dos 36" era composto por homens que trabalhavam com Agostinho Neto, que veio para Luanda em 1959 e aqui foi preso de novo. Ele trabalhou com o "Grupo dos 36" do qual faziam parte o Coelho da Cruz, Manuel Pedro Pacavira, David Bernardo Eça Queiroz, Joaquim Bernardo Silas e Cândido Costa. Muitos homens que nem eram clandestinos alinharam aquela noite. Estes que não tinham clandestinidade política não podem dizer que eram do MPLA ou da UPA.

Como viveu a perseguição do regime colonial contra os nacionalistas depois do 4 de Fevereiro?

Depois do 4 de Fevereiro eu estava a ser procurado, como muitos outros, uns fugiram para as matas, outros foram presos. Nós tínhamos um princípio, todo o militante clandestino que fosse preso nunca devia falar dum camarada que estivesse em liberdade. Só podia falar dos presos. Depois do assalto fiquei duas semanas sem ir trabalhar, mas depois reflecti e voltei para o hospital no dia 16 de Março de 1961. Fui apanhado por quatro chefes de brigada da PIDE, um dia depois do assalto da UPA no norte de Angola, a 15 de Março. Salazar, à acção do 4 de Fevereiro chamou "assalto civilizado", porque só foram atacadas unidades militares, não tocámos nos civis. Quando apareceu o 15 de Março Salazar disse que foi um ataque cobarde que nem sequer poupou os negros oriundos do sul.

Em que prisão esteve detido?

Eu estive em várias cadeias. Na PIDE, de Março de 1961 a 26 de Abril. Depois fui transferido para S. Pedro da Barra onde fiquei nove meses, que significaram nove anos. Uma semana antes, o Neves Bendinha entregouse devido a pressões familiares. Na cadeia, o Neves Bendinha aconselhou: não aceites mais porrada, faz

o que eu fiz. Pede papel de 25 linhas e assume o que fizeste. Eu escrevi que a causa da minha prisão foi a luta de libertação nacional e estou solidário com todos quanto morreram. Escrevi e assinei. Na prisão de S. Pedro da Barra fiquei preso desde 26 de Abril de 1961 até dia 2 de Janeiro de 1962. No Missombo fiz sete anos como prisioneiro com outros clandestinos sobreviventes. Na prisão de S. Pedro da Barra matavam 50 pessoas por dia e nos tínhamos que carregar os corpos num camião para serem levados para a vala comum. E fiquei mais três anos preso em São Nicolau.

Os nacionalistas, armados apenas com catanas, estavam preparados para morrer?

Avançámos para o ataque porque nós acreditamos que as balas não iriam ferir-nos por causa do feitiço. Deram-nos carne crua de sapo, esmagada e misturada com sal, gindungo, quiabos e uma moeda de cinquenta centavos. Engolimos o feitiço com um gole de água. Depois desta preparação, quando fossemos para o ataque as balas não nos atingiam. Todo o mundo do muceque acreditou nisso, mas o homem académico já não acreditava nisso. Tanto é que chegámos a 1960 com 3.125 homens mobilizados para o ataque. Se não fossem os bufos nós teríamos feito o 4 de Fevereiro no ano de 1960.

Porquê um ano antes?

Porque as condições estavam amadurecidas. Nós queríamos seguir a passada da independência do Congo Belga que ficou independente em 30 de Junho de 1960, pensámos que nós também podíamos conquistar a independência nesse ano. Nós tínhamos crença que as tropas de Lumumba viriam aqui para nos ajudar a libertar o país. Mas os colonos aqui ficaram quentes quando receberam os refugiados europeus que vinham de do Congo Belga para Luanda e daqui para Europa. Isso fez enraivecer o espírito colonial agui. Então investiram na descoberta dos clandestinos e apanharam os chefes. Ficámos destroçados, mas conseguimos apanhar novamente a reorganização do processo clandestino em Setembro ou Outubro, quando aparece o Imperial Santana, Paiva Domingos da Silva, Virgílio Souto Maior, Bento António, João Bento, cónego Manuel das Neves, esses constituíram então o estado-maior que depois apareceu para dar o golpe final, em 1961.

Quando é que surgiu a ordem para atacar?

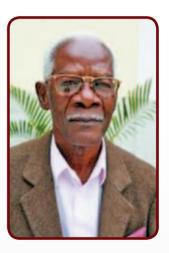
A ordem aparece em Janeiro de 1961. A situação no Congo tornou-se insustentável. Mas antes, em Dezembro o barco português Santa Maria foi desviado por Henrique Galvão e Humberto Delgado líderes da oposição portuguesa. Quiseram trazer o barco para Angola. Então os jornalistas de todo mundo vieram para Luanda esperar o barco. Mas depois mudaram o rumo para o Brasil. Nessa altura o Governo do Brasil era de esquerda e era a favor das independências africanas. O movimento do 4 de Fevereiro estava pronto para desferir o ataque, estávamos apenas à espera da ordem. Os jornalistas estrangeiros que não foram para o Brasil assistiram aqui ao 4 de Fevereiro. Foram eles que reportaram os acontecimentos que ocorreram aqui no dia 4 de Fevereiro.

Qual o significado para Angola de hoje, dos acontecimentos do 4 de Fevereiro?

É extremamente grande e está à vista de todos. Sinto orgulho e satisfação, porque quando vejo o que Angola fez em sete anos de paz lembro-me que somos nós a base de tudo. Hoje o Governo está a trabalhar para manter a estabilidade política e económica, está a realizar investimentos públicos significativos na reabilitação e construção de infraestruturas, criando emprego e as condições para o crescimento da produção.

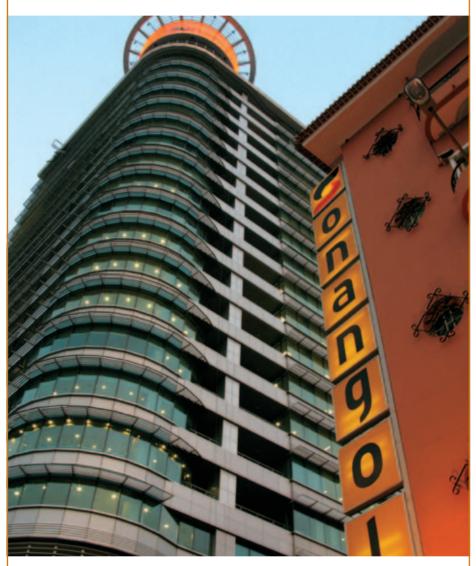
PRIMEIRO EMBAIXADOR DE ANGOLA EM PORTUGAL

MARCOS BARRICA CONSTERNADO COM A MORTE DE ADRIANO SEBASTIÃO



embaixador angolano em Portugal, José Marcos Barrica, manifestou "profunda mágoa e consternação" pelo falecimento do nacionalista Adriano Sebastião. Numa nota de imprensa, Marcos Barrica diz guardar gratas recordações das qualidades humanas do "destacado lutador da luta contra o colonialismo português para a conquista da independência nacional e pela consolidação das conquistas da revolução angolana". Primeiro embaixador de Angola em Portugal, de 1978 a 1982, Sebastião Adriano foi, segundo Marcos Barrica, "homem íntegro e intelectual de firmes convicções, que inscreveu o seu nome na galeria dos homens que se bateram directamente pela inserção e afirmação de Angola no concerto das Nações". "Da figura de Adriano Sebastião, recordo em especial as conversas que, não raras vezes, manteve em variados momentos com a juventude, transmitindo ensinamentos e experiências da sua vida e luta, que ajudaram a compreender melhor o sentido da povo angolano e a encarar a vida com fé e esperança na certeza de um futuro promissor", salienta o embaixador angolano.

SONANGOL COM LUCROS DE MAIS DE DOIS BILIÕES DÓLARES



Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol) teve, em 2009, em termos de desempenho financeiro, um lucro líquido de 2,4 biliões de dólares, segundo presidente do conselho de administração da companhia, Manuel Vicente. No período em referência, disse o gestor da empresa pública de petróleos, as vendas atingiram o valor de USD 13,2 biliões, enquanto os custos associados as mesmas estão calculados em um bilião de dólares norte-americanos. "São resultados ainda provisórios, está-se na fase de apuramento e neste momento trabalha-se para a divulgação dos resultados definitivos", explicou Manuel Vicente durante uma conferência de imprensa, realizada por ocasião dos 34 anos de existência da Sonangol. "Apesar da crise, dos seus impactos e efeitos sobre a actividade operacional e financeira, a Sonangol mantém

a sua robustez financeira, assente nos lucros, que são superiores a dois mil milhões de dólares. Está com um endividamento que podemos considerar moderado e está com um forte, sólido e crescente fundo de maneio líquido e com uma liquidez que é invejável", referiu. De acordo com o gestor da Sonangol, a rentabilidade do activo, dos capitais próprios e do investido cifra-se, respectivamente, em 10,84%, 20,24% e 19,76 por cento. Em termos de obrigações para com o fisco e o Tesouro Nacional, disse, a companhia Liquidou em impostos, no ano transacto, 936 milhões de dólares, tendo pago ao Estado, como resultado de dividendos do exercício de 2007/2008, cerca de USD 436 milhões. Manuel Vicente considerou que 2009 foi um ano difícil, de muitas restrições e com um cenário económico nacional e internacional desfavorável.

REFINARIA DE LUANDA MODERNIZADA

or sua vez, a Sonangol prevê melhorar o segmento de distribuição, através da implementação acelerada do plano director da armazenagem, expansão da rede e a ampliação e modernização da Refinaria de Luanda, segundo Manuel Vicente. "Gerir o declínio dos campos com aproximadamente 30 anos de existência e reposição das suas reservas, entrar no segmento da petroquímica, listar a Sonangol nos principais mercados financeiros e prosseguir em ritmo acelerado o processo de construção da Refinarias do Lobito, província de Benguela, constituem também desafios da companhia angolana", disse o gestor. Em relação à Refinaria do Lobito, Manuel Vicente frisou que os estudos preliminares estão feitos, aguardando-se apenas pela decisão



da Governo angolano quanto à nova proposta apresentada pela empresa de oito mil milhões de dólares, contra a anterior de dois mil milhões de dólares. Por outro lado, Mateus de Brito, um dos administradores da empresa, referiu que a taxa de produção de Angola, em 2009, foi de um milhão e 800 barris.



Instituto de Formação Bancária (IFBA) vai evoluir para Instituto Superior de Gestão Bancária, revelou o seu o director, Cândido Vaz Cândido, referindo que esta evolução dá corpo à segunda fase do Plano de Reestruturação do instituto e que já está concluída a primeira parte dedicada ao diagnóstico do funcionamento e enquadramento institucional. "Com a inserção do Instituto Superior de Gestão Bancária, aos cursos profissionalizantes, que já ministra, serão adicionadas graduações e licenciaturas", afirmou, adiantando: "Este reforço de competências vem do esforço de atender ao grande crescimento que a economia angolana tem registado e a consequente modernização da expansão que sucede no sector financeiro, em particular na Banca". Cândido Vaz referiu que, numa primeira fase, as

necessidades estão direccionadas, particularmente, para o sector bancário. "Temos de estar atentos ao mercado. de ver o desenvolvimento do sector em que estamos inseridos, que é o bancário. E um dos grandes instrumentos mais utilizados é o tecnológico", disse, referindo: "A Banca, de um modo geral, está nos lugares cimeiros na utilização da tecnologia de ponta e a tecnologia de ponta também tem um elemento facilitador: em primeira instancia fazer com que o técnico, o utilizador da ferramenta, o saiba utilizar e a partir dai a tarefa esteja, de certa maneira, mais facilitada". Cândido Vaz afirmou que o Instituto Superior de Gestão Bancária vai começar com uma pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos. Para essa formação, o Instituto conta com a parceria da Universidade Lusófona.

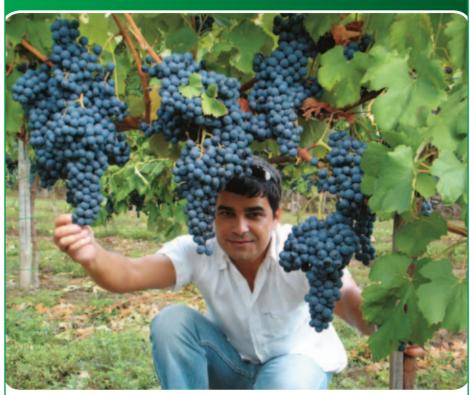
BAI NO SAL E EM SÃO VICENTE

Banco Africano de Investimentos (BAI), detido maioritariamente pelo BAI Angola e Sonangol, acaba de abrir mais duas agências, nas ilhas do Sal e São Vicente, após inaugurar outras duas no início deste mês na Cidade da Praia. O BAI abriu as agências na capital de Cabo Verde uma no Plateau e outra na Achada de Santo António, ambas no centro da Cidade da Praia –, fruto da estratégia de crescimento e consolidação e da política de proximidade do banco em relação aos clientes. Com as novas inaugurações, o número de agências da mais nova instituição financeira aberta em Cabo Verde sobe para sete - três na Cidade da Praia e duas no Sal e outras tantas em São Vicente. O BAI Cabo Verde, com um capital social de 90 milhões de euros, tem como accionistas o BAI Angola, com 71 por cento, a petrolífera angolana Sonangol, com 19 por cento, e a empresa cabo-verdiana SOGEI, com dez por cento.

MWANGOLÉ



APOSTA NA CONSTRUÇÃO DE EMPRESAS CAPAZES

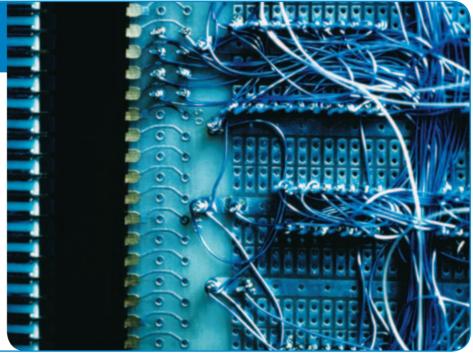


secretário de Estado português das Florestas e Desenvolvimento Rural, Rui Barreiro, anunciou, em Lisboa, que Portugal vai investir mais na construção de empresas capazes de contribuir para o desenvolvimento de Angola. Após a abertura da XV edição do Salão Internacional do Vinho, Pescado e Agro-Alimentar, o governante declarou que Angola é um País importante para o mercado luso, não só porque são apreciadores dos produtos portugueses, mas também devido ao facto de haver uma interacção entre empresários dos

países. "Por isso, julgo ser extremamente significativo que possamos dar um salto não só nas exportações, mas também contribuirmos para a transferência de tecnologia para Angola, um País que tem um potencial enorme, e Portugal pretende contribuir no seu processo de desenvolvimento", sublinhou. Segundo o responsável, Angola continuará no topo das prioridades do Governo português, daí a razão de haver, regularmente, missões governamentais e empresariais lusas para o mercado angolano, visando reforçar os laços de cooperação.

TELEFONES FIXOS AUMENTAM

m total de 302.991 linhas de telefone fixo foi instalado em Angola até 2009, segundo dados estatísticos do Instituto Nacional das Comunicações (INACOM). De acordo com os dados, registou-se, em 2009, um aumento de 85.294 linhas, relativamente a 2008, ano em que foram instaladas 217.697 linhas. Quanto à rede de telefonia móvel, até ao ano 2009 pelo menos 50 em cada 100 habitantes em Angola já tinham telemóvel, num universo estimado em 16 milhões de habitantes. O INACOM revela que, em 2009, oito milhões, 69 mil e 421 habitantes tiveram acesso à telefonia móvel, ultrapassando os seis milhões, 773 mil e 639, atingidos em 2008. Das 18 províncias, Luanda é a que tem o maior número de usuários de telefone móvel e fixo. Na rede fixa, existem cerca de cinco empresas a operar, nomeadamente a Mundo Startel, MSTelecom, Nexus, Wezacom e a Angola Telecom, empresa pública que detém o controlo da rede básica de telecomunicações do País. À excepção da Angola Telecom, que atende pelo menos 200 mil clientes, as operadoras de rede fixa têm pouco tempo de actividade no mercado nacional e prestam serviços de voz, SMS e Internet.



RELANÇAR A INDÚSTRIA NÃO-PETROLÍFERA

O ministro da Indústria, Joaquim David, saúda as iniciativas da reabilitação industrial, sinal da existência de condições para o relançamento produtivo extra-petróleo. Além da produção agrícola, aponta outras perspectivas visando a redução das importações. Contudo, reconhece ser um processo lento e contínuo, porque, afirma, "as necessidades de importações existem em todas as sociedades", por forca das interdependências.

Qual é o histórico que faz da Indústria de Angola?

A Indústria tem mais a ver com os estágios históricos de Angola em períodos anteriores às eleições de 1992. Durante o período da administração portuguesa, a indústria estava voltada a matérias-primas essencialmente vindas em grande parte do exterior. Depois da independência existiram grandes faltas de matéria-prima, precisamente quando do corte do vinculo administrativo entre Portugal e Angola. A insuficiência de quadros qualificados, o processo de nacionalização da indústria e o agravamento da guerra em 1994, criaram vários transtornos no sector. Com exceção de Luanda, o parque industrial foi praticamente destruído, aquilo que antes tinha sido a indústria florescente de Angola. O Processo macro-económico também teve resultados negativos. Entrámos no processo de saneamento económico e financeiro, em 1999, com o sector da indústria destruído. De forma que os 30 anos, entramos numa fase de recuperação de dois vectores fundamentais. Estamos perto de atingir estes índices em termos de inflação e estabilidade da taxa de câmbio, reservas do sector bancário, que permitem a política de desenvolvimento do sector produtivo. Sabemos que o parque industrial no município de Viana era sério, mas o grande problema é que a maior parte da matéria-prima, que



Ministro da Indústria (à esquerda), com o dos Petróleos, Botelho de Vasconcelos.

alimentava o sector, vinha de Portugal. O facto de o Estado, nos anos 1997 a 1998, perder a capacidade económica de importação de matéria-prima para os parques industriais de Viana, Benguela, Huila, Bié e Huambo, este último considerado como o maior de Angola, acabaram por fechar completamente.

Qual é a estratégia do Governo para o relançamento do sector industrial?

O programa do Governo está a trazer a relativa estabilidade macro-económica, em termos de inflação de reservas bancárias, estabilidade da taxa de cambio, reforço de sector bancário e outra políticas utilizadas pelo governo e com as leis do investimento privado a criação da ANIP e de incentivo ao sector

produtivo e a melhoria dos serviços aduaneiros. Todos estes instrumentos são a base para uma iniciativa privada, mas activa e base do relançamento da economia. Também há iniciativas sérias para a reabilitação de várias indústrias. Todas essas iniciativas são sinais que apontam que estamos no bom caminho e que existem condições para o relançamento do sector produtivo fora da produção de petróleo. As indústrias que derivam da agricultura, como as moageiras a de refinação de óleo alimentar, são exemplos de resultados do esforço que se está a fazer.

Quando é que as importações vão reduzir?

A redução das importações faz parte da nossa história dos 30 anos. Angola limitou-se a situação de exportação de petróleo e a importar tudo o resto. A prioridade foi dada à suficiência alimentar. A produção da mandioca, o milho e as frutas começam a ser um facto. Há outras perspectivas com os cereais. A plantação do algodão será uma realidade num futuro próximo para reduzir, concomitantemente, as necessidades de importações. É um processo lento e contínuo, porque a necessidade de importações existe em todas as sociedades. Não há forma como parar a importação, porque existe uma interdependência entre os vários paises do mundo.

Qual é o apoio que o Ministério da Indústria dá às pequenas, médias e grandes empresas?

O apoio é ainda embrionário, mas já se vê sinais sérios de apoio ao sector produtivo. O grande problema não está na falta de apoios em capital financeiro, mas sim nas taxas de juros relativamente altos. Há uma relação entre as taxas de juros e a inflação. Não é possível o sector bancário praticar taxas de juros que estejam abaixo do juro de inflação. O Governo está a fazer um importante esforço no sentido da estabilização macro-económica, para a redução da inflação que vai permitir os Bancos praticar as taxas de juros mais baixas sem correrem o risco de falirem.



O sector açucareiro "morreu"...

"Colapsou" completamente, como resultado da guerra. Foi feito um estudo do programa de relançamento desse sector, que inclui um aspecto que se pode resumir em duas linhas. Com a excepção do Dombe Grande, todas as açucareiras que existiram no tempo da administração portuguesa, são inviáveis. O consumo de açúcar é tão grande em Angola, atingindo cerca de 200 toneladas por ano, que justifica a implantação de uma nova unidade de raiz para fazer face a esse consumo, uma vez que todo o consumo é abastecido através de importações.





ANTÓNIO TAVARES, ACTIVISTA SOCIAL EM PORTUGAL

«É IMPORTANTE QUE A NOSSA COMUNIDADE SEJA DONA DO PRÓPRIO DESTINO»

António Tavares é angolano, mas essa condição não o impediu de fazer política em Portugal. Um dos poucos africanos eleito deputado municipal, diz-se preocupado por entender que a comunidade negra em Portugal já merecia estar noutro patamar.

Como ex-deputado municipal africano em Portugal, quê aspectos de relevo se tem deparado?

O que me preocupa, e tem sido estas as minhas convicções na política portuguesa, tem a ver com a integração da comunidade luso-africana no seio da sociedade portuguesa. Acredito que não haverá qualquer tipo de integração em Portugal se não existir a integração política. A comunidade negra em Portugal já merecia estar noutro patamar e isso ainda não aconteceu, nem sequer conseguimos arrancar.

O que falta?

Acima de tudo, falta descolonizar as mentes. Por um lado, é necessário que a comunidade africana tenha consciência que a integração politica é possível e, por outro lado, é necessário que os políticos da sociedade de acolhimento vejam estas comunidades de outra maneira. É necessário que os políticos deste país vejam estas comunidades com outros olhos, que é aquilo que ainda não tem sido visto.

Não tem sido visto com bons olhos...

Porque não tem havido interesse por parte dos políticos portugueses como também por parte dos africanos. Estes não acreditam, por exemplo, que um negro possa vir a ser presidente de uma junta de freguesia. No entanto, é necessário eliminar esse tipo de tabus e quebrar esses tipos de barreiras. É isso que me preocupa e este tem sido um dos meus trabalhos.

Sente-se isolado nesta batalha?

Sinto-me isolado: quando falo com os membros das comunidades africanas dos bairros sociais, este não acreditam que um negro possa vir a ser presidente de uma junta de freguesia, que um negro possa vir a ser vereador.

A dúvida vem dos próprios africanos...

Dizem que é impossível, que os portugueses nunca irão abrir mãos, nem dar oportunidades para que um negro chegue nestes lugares. É evidente que os políticos portugueses dificultam, o que requer uma luta. Mas é necessário acreditar que é possível, é necessário dizer que assim como os portugueses em França conseguem adquirir um palco na política francesa, os africanos podem conseguir também um palco na politica portuguesa, aliás isto não é nada de novo. Já está tudo inventado. Os portugueses, em qualquer parte do mundo, têm ocupado cargos na política, quer



nos Estados Unidos, Canadá, França, Inglaterra ou Luxemburgo. Então, nós não nos podemos coibir de não estarmos também neste palco. Eu acho que é de todo interesse que a comunidade africana seja dona do próprio destino, não quer que sejam outras pessoas a falarem por elas. Muita das vezes digo que a integração em Portugal não pode ser uma integração feita para os africanos, mas sim com os africanos e isto tem sido o pontapé de saída. Infelizmente ao longo destes trinta e tal anos de democracia, esta integração nunca foi feita, porque tem havido desenhos de integração em Portugal, mas nenhuma delas até hoje feita por qualquer um dos governos tem servido a comunidade africana.

Falta consistência?

Eu vou dar um exemplo: se existir uma comissão de mulheres, naturalmente que faz sentido que a presidente desta comissão seja uma mulher; um secretário para um governo tem que ser um jovem, não faz sentido ser um indivíduo de 60 anos. Agora porque que um Alto-Comissário para a Imigração e Minorias Étnicas não pode ser um africano ou um imigrante?

Faria mais sentido?

Faria mais sentido que fosse um africano, um brasileiro, um ucraniano, etc. Era necessário dar sinais que essas comunidades pudessem participar politicamente. Acreditaria melhor numa integração mesmo que fosse um Altocomissário ucraniano, porque ele sabe o que é dormir debaixo de uma ponte, sabe o que são as dificuldades da vida, sabe o que é trabalhar numa construção civil, conhece e sentiu no seu dia-a-dia as dificuldades de qualquer membro das comunidades de imigrantes. Agora, o que nós temos verificado ao longo deste tempo todo é que quem define as políticas das comunidades imigrantes são todos, menos os imigrantes, e é isso que temos que acabar para que comece a existir uma integração plena e harmoniosa.

As políticas de integração feitas até agora fracassaram... O que é preciso então?

Naturalmente que nunca ouve integração nenhuma, politicamente nunca houve integração nenhuma. Posso dar um exemplo: quando nós temos 30 a 40 por cento de reclusos negros nos estabelecimentos prisionais em Portugal, eu digo que Portugal não é país de negros para que esse número elevado de reclusos seja de negros. Então, quer dizer que se a população estrangeira é três a cinco por cento na sociedade portuguesa, não faz sentido que 30/40 por cento de reclusos sejam da comunidade africana.

Isso é resultado de falta de integração...

É resultado de uma péssima integração. Eu acho que ninguém da lições de integração a Portugal, quando sabemos que mais de metade da população portuguesa vive fora de Portugal. O que podemos pedir é que os portugueses adoptem a mesma política idêntica a que os políticos portugueses têm pedido nos outros países para integrar melhor os seus concidadãos. Por isso, é que digo que ninguém pode dar lição de integração aos políticos portugueses. A comunidade africana está cá e é a mais antiga. Vem dos anos 60, temos que ter um pouco de história. Nos anos 60 quando os portugueses saíram de Portugal para trabalhar noutros países devido a reconstrução da Segunda Guerra Mundial, quem veio trabalhar para a agricultura, foram os africanos. Infelizmente, dos anos 60 até hoje, várias gerações africanas em Portugal vivem numa exclusão atroz. É isso que me preocupa.

Isto também não se deveu em parte à pouca ou ausência de pressão dos Estados africanos?

É um facto que os governantes dos países de origem teriam uma palavra a dizer, mas o que é certo é que tem havido uma ausência de política de definição em considerar se estas comunidades aqui são imigrantes ou não. Devo dizer com muita clareza que um dos poucos países que sempre assumiu da sua comunidade foi Cabo Verde. Este país assume sem qualquer vergonha da sua comunidade, porque até vive das receitas dos imigrantes. Em relação aos outros países, os governantes não sabem se pôr no tabuleiro da política em relação à diáspora. Então, isso também dificulta, e Portugal aproveita-se disso.

Nesse andar é utópico pensar-se num efeito Obama em Portugal?

Não diria que seja uma utopia. Estou dentro da política, conheço os seus corredores e os meandros, e não acho que seja uma utopia, acho que é possível: a política faz-se com números. Filipe Menezes foi eleito por cerca de sessenta mil votos, o presidente da distrital de Lisboa foi eleito por cerca de cinco mil votos. Se a comunidade imigrante conseguir arranjar quatro mil votantes, imagine. Até vou mais longe: a força da comunidade africana é tão forte que seríamos superiores a uma força como o Bloco de Esquerda ou ao CDS-PP. É uma questão de organização. Passa por meios que é difícil obter, mas é necessário que se faça, é necessário que possamos ser uma força presente, porque quando nos regimentarmos 500 ou mil militantes que votam, não acredito que não haverá nenhum presidente do partido que não venha falar consigo e dizer "olha tens um poder de mil votos, como é que isso funciona, o que é que vocês precisam?".

Então, é disto que a comunidade africana precisa?

O caminho é esse e não pode ser outro. Os membros das comunidades imigrantes devem integrarem-se politicamente, isto é, devem ser militante preferencialmente dos partidos do poder (PSD ou PS).

Este trabalho passa também pelas associações?

Não propriamente, esse trabalho passa por pessoas que tenham interesse e que acreditem que a comunidade negra também pode chegar ao poder e possa ser vista na sociedade de acolhimento, porque os negros em Portugal não são vistos. É como se não existissem, porque não votam.

E tem sido difícil passar esta mensagem?

Tem sido difícil, mas é um trabalho que gosto. Posso lhe dar aqui um testemunho de pessoas que me diziam "eu vivo em Portugal há 40 anos mas nunca ninguém teve comigo este tipo de conversas". Então, nós podemos chegar lá.

Mas o nível de auto-exclusão política entre os africanos continua grande...

Não há auto-exclusão, as comunidades africanas e imigrantes são excluídas politicamente, mesmo dentro dos próprios partidos. É necessário que os negros não se sintam como um jardim antropológico dentro desses partidos.

CHICOTY: DH REGISTA PROGRESSOS

secretário de Estado das Relações Exteriores, George Chicoty, garantiu, em Genebra, que Angola é hoje um País diferente no domínio da promoção e protecção dos direitos dos seus cidadãos. George Chicoty falava durante a apresentação do Relatório do Governo Angolano sobre os Direitos Humanos analisado pelos membros das Nações Unidas, durante a VII Sessão do Exame Periódico Universal (UPR).

"A nossa experiência mostrou que só com a paz, o Estado de Direito e o respeito pelos direitos e liberdades individuais podem garantir a estabilidade necessária ao desenvolvimento sustentável e, por conseguinte, desfrutar dos direitos económicos, sociais e culturais", disse. Hoje, sublinhou o secretário de Estado, fruto da experiência vivida ao longo dos diferentes períodos da nossa História, Angola inicia um novo ciclo, caracterizado pela promulgação, em 5 de Fevereiro, de uma nova Constituição que assinala o fim do período de transição e instaura definitivamente um Estado

Democrático e de Direito. Salientou a importância do Mecanismo de Revisão a que Angola se submeteu voluntariamente, considerando que o mesmo é um óptimo fórum de cooperação internacional que permite fazer uma autoavaliação, reforçar a capacidade institucional e criar condições objectivas para a melhoria da situação dos direitos humanos. Reconheceu haver muito por fazer, particularmente nas áreas do financiamento para o desenvolvimento, mas sublinhou que, por mais justas e transparentes que possam ser as leis, há coisas que só se podem fazer com o tempo. O relatório de Angola mereceu o reconhecimento por parte dos países intervenientes, dos progressos alcançados em tão pouco tempo de paz, com particular ênfase para a redução da pobreza (de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, de 2009), o reforço da democracia, a educação e a representatividade das mulheres nas diversas esferas da sociedade, com realce para o Parlamento.

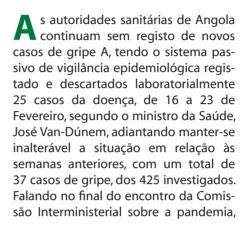
NOMEIADO NOVO NÚNCIO **PARA ANGOLA**

Papa Bento XVI nomeou, recentemente, o novo Núncio Apostólico de Angola e São Tomé e Príncipe, na pessoa do Reverendo Monsenhor Novatus Rugambwa, de nacionalidade tanzaniana, diplomata que substitui, automaticamente, D. Ângelo Becciu, que terminou a sua missão em Setembro do ano passado, estando agora a exercer o mesmo cargo em Cuba. O Núncio Apostólico ora indicado nasceu em Bukoba, a oito de Outubro de 1957. Foi ordenado sacerdote em Julho de 1986, e entrou ao serviço da diplomacia da Santa Sé em Julho de 1991, tendo já representado o Vaticano no Panamá, na República do Congo, no Paquistão, na Nova Zelândia e na Indonésia. D. Novatus Rugambwa será também titular de Tagaria, com a dignidade de Arcebispo,



títulos exigidos para desempenhar este múnus, que é também episcopal. Depois de ter trabalhado em vários países, em Junho de 2007 foi chamado a exercer as funções de sub-secretário do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes no Vaticano. D. Novatus Rugambwa fala inglês, francês, espanhol, alemão e kiswahili.

ANGOLA SEM REGISTO DE NOVOS CASOS DE GRIPE A





uma diminuição da intensidade da pan-

demia, continua a verificar-se mortes.



ANGOLA E CUBA REFORÇAM COOPERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE QUADROS



ngola e Cuba manifestaram, recentemente, o desejo de aprofundar a cooperação no domínio de formação de quadros. Novas acções de formação para os efectivos do Ministério do Interior estão previstos para este ano, no âmbito da cooperação entre Cuba e Angola, afirmou, em Luanda, o vice-ministro do Interior daquele país, Jose Millan Pino, que efectuou uma visita de trabalho a Angola. O vice-ministro cubano disse que Angola e Cuba têm parti-Ihado uma experiência mutuamente benéfica e que é possível notar progressos no âmbito da execução dos acordos que constam do protocolo assinado há dois anos. Millan Pino

reafirmou a disposição de Cuba em manter o nível de cooperação com Angola, tendo anunciado a existência de projectos, ainda em estudo, relativos à formação de formadores e especialistas da Polícia Nacional. O director do Intercâmbio e Cooperação Internacional do Ministério do Interior, Paulino da Silva, referiu que a cooperação se vai centralizar na segurança, ordem interna, assistência técnica e formação de quadros, sublinhando que ambas as delegações estão interessadas em aprofundar a cooperação. Jose Millan Pino esteve também em Benguela, onde visitou as unidades e instalações afectas ao Ministério do Interior.

ADVOGADOS EM CONGRESSO

primeiro Congresso Internacional de Advogados dos Países de Língua Portuguesa realiza-se de 22 a 24 de Março em Lisboa, por iniciativa da União dos Advogados de Língua Portuguesa (UALP). O congresso tem como lema "Os Desafios da Advocacia de Língua Portuguesa no Mundo Sem Fronteiras" e é orientado pelo bastonário da Ordem de Advogados de Angola, Inglês Pinto.

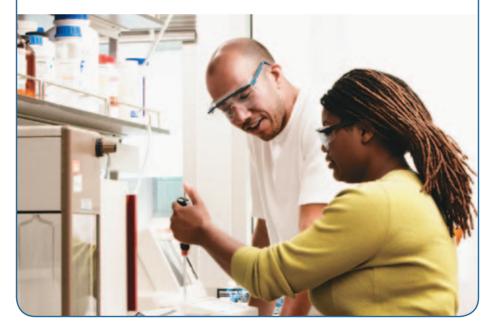
IMIGRAÇÃO ILEGAL NA MIRA DE ANGOLA

ministro do Interior, Roberto Leal Monteiro, reafirmou que o combate contra a imigração ilegal vai continuar de forma afincada, recordando que a permanência em Angola de estrangeiros com visto caducado é ilegal e sublinhou que o Ministério vai continuar a lutar contra este fenómeno. "Vamos tornar este País bom para todos vivermos, continuar a dizer que somos um País acolhedor e recebemos todos de braços abertos ", mas que isso só é possível com um combate sério à ilegalidade. O titular da pasta do Interior disse que a "tolerância zero" no seu pelouro vai reflectirse no cumprimento das leis e normas que regem a sociedade. Roberto Leal Monteiro elogiou o trabalho que tem sido feito pelos Serviços Penitenciários, precisando que "as reclamações nesses serviços diminuíram substancialmente e estamos satisfeitos com isso". Anunciou a entrada em funcionamento, em breve, de 16 linhas telefónicas especiais para apoio aos Serviços de Protecção Civil e Bombeiros.

GOVERNO EXPANDE ENSINO SUPERIOR

ministra do Ensino Superior Ciência e Tecnologia, Maria Cândida Teixeira, disse que a expansão da rede de instituições do Ensino Superior no País constitui uma das prioridades do Governo. Cândida Teixeira afirmou que o sector que dirige pretende transformar a ciência e tecnologia "num elemento estratégico da política de desenvolvimento e consolidação do sistema nacional de ensino". Referiu que a promoção da actividade académica e pedagógica, o fomento da cultura científica e o reforço da base jurídica institucional do subsistema nacional do Ensino Superior constam, também, entre as prioridades do Ministério do Ensino Superior, Ciência e Tecnologia. A ministra afirmou que a crescente neces-

sidade do plano sócio-económico em termos de quadros em tempo de paz, conduziu a novas opções políticas do Governo, que transformaram os antigos núcleos em outras universidades estatais, expandido o ensino superior à outras provinciais. A ministra anunciou que o ministério pretende criar centros de excelência, de forma alcançar as condições político-institucionais e atender às necessidades dos novos desafios sobre a aplicação da ciência, tecnologia e inovação. Para este ano, revelou, perspectiva-se a realização de grandes desafios, com destaque para o plano de implementação das linhas mestras e da política da ciência e tecnologia com vista à consolidação da visão e estratégia no subsistema do Ensino Superior.



AEA REALIZA WORKSHOP

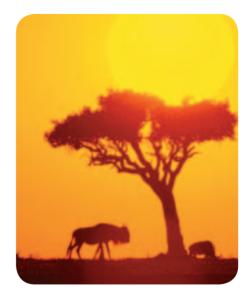
«COMO CONQUISTAR UMA OPORTUNIDADE DE EMPREGO?»

Associação de Estudantes Angolanos em Portugal (AEA - Portugal), realizou, recentemente, na sua sede, em Lisboa, um workshop intitulado "Como conquistar uma oportunidade de emprego no mercado angolano em 2010?", visando capacitar os associados sobre os diversos processos de recrutamento e selecção que têm sido alvos na busca

do primeiro emprego. O evento contou com a presença de Cândida Silva, chefe do sector de estudantes de Angola, que proferiu o discurso de abertura, assim como a do presidente da AEA-Portugal, Edvaldo Fonseca. Foram oradores, Ana Bernardes, directora das áreas de recrutamento e formação da "Accenture", tendo no se pronunciado sobre o que



as empresas exigem dos candidatos; e Jorge Fonseca, da "Transitar", que dissertou como elaborar um currículo vital, carta de motivação e aconselhamento sobre definição da carreira profissional, moderados por Simão Filipe e Ana Bravo, respectivamente. Ainda no decurso das suas actividades em prol da comunidade estudantil em Portugal, a AEA-Portugal, celebrou três protocolos de parceria com a Oral Care Institute (rede de clínicas dentárias), Elite International Careers e com a Global Careers. Da Elite International carrers, a AEA recebeu, recentemente, uma doação de um computador portátil, um retroprojector e uma tela, que veio colmatar diversas dificuldades para a realização das suas actividades, nas regional de Lisboa e do Porto.



FUNDO DE DEFESA DO AMBIENTE EM VISTA

Governo vai criar um Fundo de Defesa do Ambiente, para permitir ao Estado intervir sempre que existam danos ambientais difíceis de imputar a alguma entidade individualmente. O Fundo consta do projecto de Decreto do Regulamento sobre a responsabilidade por danos ambientais, que será submetido brevemente à apreciação do Conselho de Ministros e será suportado por uma taxa a ser paga pelas entidades que beneficiam da exploração de bens susceptíveis de provocar danos ao ambiente. De acordo com o jurista Raul Araújo, o Fundo também vai ser utilizado para apoiar a formação e outro tipo de acções que venham a beneficiar a defesa do ambiente. O projecto de Decreto visa regulamentar as sanções a serem aplicadas às entidades que venham a provocar danos ao ambiente, determinando que a causadora de um determinado dano deve ser responsabilizada pelos efeitos causados, mesmo que não haja culpa. O documento prevê igualmente a existência do Seguro Obrigatório Ecológico, que é uma nova modalidade de seguro no ordenamento jurídico angolano, segundo Raul Araújo, que alertou as empresas seguradoras a trabalharem com o Ministério do Ambiente para verem de que tipo é este seguro e como institucionalizá-lo O Seguro Obrigatório Ecológico pretende que a empresa seguradora assuma o risco por quaisquer danos que possam vir a ser causados pela exploração de determinadas actividades. Contudo, em função da sua "especificidade e complexidade", o jurista Raul Araújo sugere que o mesmo deve merecer "um estudo muito sério e aprofundado".

SEMPRE ZIZI...

Engrácia Ferreira dos Santos (Zizi) nasceu em Luanda em 1973. Formada no Instituto Nacional de Formação Artística e Cultural, na especialidade de escultura, foi professora de educação Visual e Plástica em várias escolas do ensino secundário em Luanda, e, em 1998, teve uma menção honrosa no prémio ENSARTE. Em 2000, venceu o prémio Juventude de Escultura do prémio da seguradora nacional. Em Lisboa há já longos anos, Zizi continua a dar ênfase à sua pintura, como ficou mais uma vez patente durante o lançamento das comemorações da Jornada da Mulher, realizada na capital lusa. Entre abraços e sorrisos, Zizi vai despontando a tarefa que mais sabe fazer. Contudo, apoios, como por exemplo, oportunidades de expor as suas obras, é o que mais exclama.





Zizi com a embaixatriz Suzana Barrica.



Zizi com a cônsul Cecília Baptista.

CARNAVAL DE LUANDA: UNIDOS DE CAXINDE ARREBATAM TÍTULO

grupo Unidos do Caxinde foi o vencedor, na classe A de adultos, da trigésima segunda edição do Carnaval de Luanda, cujo desfile central se realizou, na avenida 4 de Fevereiro. O Unidos do Caxinde, que nas duas edições anteriores ficou em segundo lugar, teve este ano 764 pontos, num conjunto de sete itens de avaliação: dança, canção, corte, painel, comandante, alegoria e falange de apoio. Em segundo lugar ficou a União Kiela, com 757 pontos, seguido pela União Sagrada Esperança, 751, União Operário Kabocomeu, 739, e União Mundo da Ilha, 680. Descem de categoria, os grupos União Povo da Samba, União 17 de Setembro, União Jovens da Cacimba, União Dimba dya Angola, União Amazonas do Prenda e a União Giza. Na classe de B de adultos, sagrou-se vencedor o União Njinga Mbandi, com 794 pontos, seguido pela União

Geração Sagrada, 636, União Jovens do Mukuaxi, 624, União 54, 533 e União Café de Angola, 469. Estes cinco grupos desfilam, na próxima edição, na classe A. Na classe infantil, o vencedor foi a União Cassules dos Jovens da Cacimba, com 740 pontos. A seguir ficaram União Cassules do Café de Angola, 674, União Cassules do 10 de Dezembro, 601, União Cassules Kazukuta do Hoji Ya Henda, 599, e União Cassules do Amazonas do Prenda, 566. O vencedor da classe A, de adultos, recebe 2,7 milhões de kwanzas. Na B, de adultos, o prémio do primeiro classificado é de 1,35 milhões de kwanzas e nos infantis, de 900 mil. A cerimónia de entrega de diplomas, troféus e cheques simbólicos acontece no próximo sábado, na LAASP, em cerimónia presidida pela governadora da província de Luanda, Francisca do Espírito Santo.

"DUO OURO NEGRO" RECRIADO

ez canções do Duo Ouro Negro, grupo pioneiro de "world music" na década de 1960, são recriadas no projecto discográfico "Muxima". A ideia foi do produtor e guitarrista Manuel d'Oliveira, segundo o baixista angolano Yami, também envolvido no projecto com Janita Salomé, Filipa Pais e Rita Lobo. Yami, que partilha a direcção musical com Manuel d'Oliveira, afirmou que "houve um grande respeito pelo legado deixado pelo Duo Ouro Negro, que foi pioneiro nesse diálogo África/Brasil/Europa, e até do que hoje chamamos world music". "Procurámos tratar os temas com grande responsabilidade, mas de facto as canções que eles fizeram tinham lá tudo. Eles foram pioneiros da fusão musical, juntaram um pouco de África, Brasil e da música popular portuguesa", acrescentou. O Duo Ouro Negro era constituído por Raúl Indipwo e Milo MacMahon, já falecidos, naturais de Angola, e que

residiram em Portugal, onde fizeram uma carreira internacional que os levou aos mais diferentes palcos, entre os quais o famoso Olympia, em Paris. O projecto inclui canções como "Maria Rita", "Vou levar-te comigo", "Menino de Braçanã" ou "Amanhã". "Georgina", "Mãe Preta" e "Trem das onze e meia" são outros temas incluídos e ainda, em "medley", as canções "Lindez" e "Muamba, banana e cola". Referindo-se ao trabalho em estúdio, Yami afirmou: "Foi absolutamente mágico, foi como se estivéssemos a acompanhar o Duo Ouro Negro". Por outro lado, salientou, "teve grande importância serem gerações diferentes, cada uma com a sua específica aproximação à música do duo". "No meu caso - continuou ouvíamos sempre em casa a música deles, a minha mãe era fã". A este grupo juntaram-se o pianista Filipe Raposo e o baterista e percussionista Joaquim Teles (Quiné).

MATAMBA FERNANDO REIS: ACTOR, CANTOR E MODELO

«COM SACRIFÍCIO VOU CONSEGUINDO VIVER DAS ARTES»

Actor, cantor e modelo, "em constante afeiçoamento", Matamba Fernando Reis é, aos 28 anos, um caso de sucesso em termos de integração em Portugal, apesar de "ser ainda uma sociedade não totalmente aberta às novas tendências, mesmo depois de ter provado alguns sabores trazidos África".

Como é que se divide sendo actor, cantor e músico?

Tem sido difícil e complicado mas arranjo sempre disponibilidade para exercê-las.

Como e onde começou a carreira?

Comecei como modelo em Angola. Um agente de moda (o Naurito Bote) viume na rua à porta da minha casa e convidou-me para fazer um "casting" na sua agência, a Suspense Models. Fui apurado e nunca mais parei.

Como é que aparece cá em Portugal?

Depois da moda, entrei para o Instituto de Teatro de Angola, e como queria crescer mais como actor, depois de terminar o curso decidi vir para Portugal trabalhar com actores angolanos, para ter mais traquejo, como são os casos de Daniel Martinho, Miguel Sermão, Eric Costa, Carlos Paca, Ângelo Torres, Anaina Lourenço, Florêncio Guimarães, Dalton Borralho, Maria Luísa, Izilda Mussuela, Félix Fontoura, entre outros. Com eles aprendi e continuo aprender. Aprendi uma outra postura, porque na escola somos ensinados só para teatro, e agui a aprendizagem inclui representação em televisão. Tem sido maravilhoso, pois, eles têm sido grandes mestres, sobretudo, o Daniel Martinho, Miguel Sermão e o Ângelo Torres.

Serão estas as principais diferenças entre o evoluir cá e em Angola?

Aqui as exigências são outras, o profissionalismo é tratado com muito rigor e as coisas são levadas com muita seriedade.

Não está a dizer que falta seriedade e profissionalismo em Angola?

Muito pelo contrário, em Angola temos muitos bons profissionais e muita pessoa a querer trabalhar a sério. Porém, reconheço que os níveis de exigências não são tão elevados como aqui.

«O FUTURO PASSA PELA ACEITAÇÃO, AFIRMAÇÃO E DIVULGAÇÃO DA NOSSA CULTURA»

Qual é futuro da cultura em Angola?

Angola só não atingirá os níveis mínimos, como também vai atingir os níveis



máximos (como os de Portugal), se os responsáveis da Cultura continuarem a apostar na formação de actores. É também importante que os grupos apostem na internacionalização da nossa cultura, trabalhando com actores ou com associações residentes, por exemplo cá, ou noutras partes do mundo, para os que haja intercâmbio e cruzamento de métodos de trabalho e troca de conhecimento. Em suma, o futuro passa pela aceitação e afirmação da nossa cultura e, depois, pela divulgação da mesma.

E acha que a divulgação é ineficiente?

Não o é exactamente, mas ainda não é eficiente. Insisto que tem de haver mais contactos entre os agentes culturais de Angola e os actores angolanos cá. Os actores que cá trabalham têm muito talento e experiencia e podem muito contribuir de forma significativa, para o enriquecimento da nossa cultura e dos actores, pois, ao invés da cultura estar a gastar com professores estrangeiros, pode-se apostar nos quadros nacionais, até porque não se pode ignorar o facto de terem andado em melhores escolas de teatro da Europa.

A sua inserção no teatro, moda e música, tem sido fácil ou ainda é seguida de vários preconceitos?

Para começar, na música é mais fácil, apesar das suas vicissitudes. No teatro, é muito complicado, mas temos dado



MATAMBA FERNANDO REIS: ACTOR, CANTOR E MODELO (cont.)



passos significativos. O mesmo acontece com a moda. Portugal é ainda uma sociedade fechada; não está totalmente aberta às novas tendências, embora tenha provado alguns sabores que trazemos de África. Estamos aqui para dizer que tentamos convencê-los de que em Angola existe qualidade e muito material bruto que apenas precisa ser esculpido.

«A DISCRIMINAÇÃO COMEÇA PELO DRAMATURGO. TÊM DE PASSAR UMA TARDE NO ROSSIO, COLOMBO, CACÉM, AMADORA OU NO CHIADO, PARA NÃO IGNORAREM FACTOS»

E como os homens de arte de Angola em Portugal se encontram organizados?

Actualmente, criamos uma associação cultural, denominada "Griot", que é uma espécie de biblioteca oral à moda dos nossos antepassados. Ela funciona com actores, maioritariamente africana, e com alguns portugueses.

Criamo-la para começarmos a criar trabalho para nós mesmo, ao invés de ficarmos a espera de realizadores, produtores que nos deiam trabalho.

Neste âmbito, criamos as nossas +peças, os nossos contos e trabalhos com crianças desfavorecidas e lares de idosos, sem descartar a ajudar de muitos portugueses que também integram a associação. Aquecemos as noites dos velhos nos lares de acolhimento com contos africanos e europeus.

O engraçado é que muitos deles conhecem os contos contados por nós.

E temos desempenhado um trabalho que mereça atenção não só da sociedade portuguesa, mas também da angolana.

Peço aos angolanos que olhem para nós, que não nos virem as costas por vivermos fora da terra, mas que saibam que temos coisas maravilhosas para mostrar ao nosso povo.

Vive do que faz ou tem um trabalho "extra"?

Com algum sacrifício, vou conseguindo viver da minha arte. Aparece pouco trabalho, mas tem aparecido, pelo menos, o suficiente para as necessidades básicas. Temos sido submetidos à vários "castings", e dependendo do perfil pretendido, passamos ou reprovamos. Mas é aqui onde começa a discriminação. E digo mais: a discriminação começa logo

na pessoa que escreve, o dramaturgo, que não pinta a sociedade portuguesa conforme ela é. Se estes saíssem dos seus escritórios e passassem uma tarde no Rossio, no Colombo, em Cacém, na Amadora ou no Chiado, viriam que os portugueses estão cada vez mais misturados com outros povos e culturas, e nas escolas é raro só ver grupos de miúdos só composto de portugueses. Estão todos misturados. Tem sempre um ucraniano, chinês, cabo-verdiano, brasileiro, angolano ou santomense, e não vemos isso nas séries juvenis que eles retratam na televisão. Porque será? Eles mostram a parte ficcionada de Portugal e não a real, que é muito mais colorida. Têm que notar que há negros a fazerem filhos com caucasianos, e vice-versa. Estes factos não devem ser ignorados, com o risco de, no futuro, Portugal ser desacreditado.

«HÁ PESSOAS QUE VALORIZAM O TALENTO ALÉM DA TONALIDADE DA PELE»

Não há nada de positivo?

Estes actores, que tenho como referência, já trabalham cá há muito tempo. Isso é um sinal de que nem tudo vai mal. Agora mesmo na "Barraca", em Lisboa, há uma peça, chamada "A Balada

da Margem Sul", que retrata a realidade social portuguesa, tal como ela se encontra. É sobre um lado portuguêsracista e o lado negro-revoltado. Tem um excelente elenco, com actores negros, sobretudo angolanos (Carlos Paca, Ciomara Morais, Geovani). É prova que nem tudo está fechado. Há pessoas que valorizam o talento além da tonalidade da pele. A estas pessoas, envio os meus parabéns.

E de Angola, não têm recebido convites?

Tenho recebido convites. Mas nada de concreto. Tenho feito trabalhos para Angola a partir daqui, designadamente, series humorísticas, publicidades e outros. Temos agora com a Griot uma peça, que é "Sinhã Dendem e Mainato Manu", que está preparada e pensamos levar para Angola.

Não está a pensar trabalhar em Angola?

Vivo cá mas tenho sempre Angola comigo. Há propostas de trabalho, mas nada adianta irmos para Angola sem nada de concreto. Precisamos de um bom projecto artístico.

Fale um pouco da sua carreira musical? Quais os géneros de música que canta?

Faço música de intervenção social, rapper, participando em vários projectos musicais. Sou co-proprietário de uma produtora e estou a preparar um disco para ser lançado em Novembro deste ano.



Desporto

ANDEBOL

Presidente da República, José Eduardo dos Santos, felicitou a selecção feminina de andebol pela conquista do décimo título africano, na cidade do Cairo, Egipto. Numa mensagem, o estadista realca o facto de o décimo título ter sido alcançado com empenho, traduzindo a determinação e a vontade de vencer da juventude angolana. O Presidente José Eduardo dos Santos considera a vitória como sendo "uma conquista de vulto já que constitui o décimo título na modalidade". O estadista enfatizou que "a nação inteira sente-se orgulhosa por mais este feito no domínio desportivo, que contribui, sobremaneira, para o acréscimo da nossa auto-estima". Realça também o facto de esta conquista encorajar e estimular os angolanos para a realização de outras acções susceptíveis de promover o desenvolvimento e bem-estar do povo angolano.

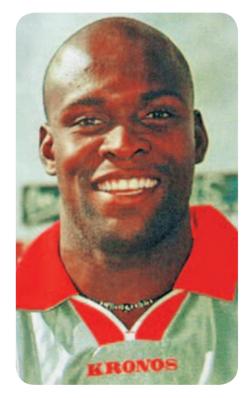
FELICITAÇÕES DO PR ANGOLA DECA-CAMPEĂ AFRICANA

selecção nacional sénior femini-Ana de andebol conquistou, este mês, o seu décimo título Africano das Nações ao vencer a Tunísia por 31 - 30, na final da décima nona edicão do CAN, disputada no Egipto. As meninas de ouro continuam assim a fazer história, garantindo dez títulos em quinze participações. Angola começou a partida com Luísa Kiala ao centro, secundada por Elzira Barros e Acilene Sebastião, na primeira linha. Azenaide Carlos e Natália Bernardo foram as pontas, enquanto Bombo Calandula jogou à "pivot" e Maria Pedro à baliza. A defesa 4 x 2 das angolanas surpreendeu as tunisinas que não consequiram desenvencilharse da pressão e fecho de linhas de passe por parte de Natália Bernardo e Acilene Sebastião que actuaram como defensoras avançadas. O desnorte do ataque tunisino permitiu às angolanas lançar o seu mortífero contra-ataque que, aliado à eficácia do remate de

primeira linha de Luísa Kiala e Elzira Barros, permitiu a fuga no marcador. À passagem do minuto 15 a Tunísia revelava alguma adaptação ao sistema defensivo de Angola, o que lhe permitiu restabelecer algum equilíbrio na contenda. Valeu nessa altura ao combinado nacional a excelente prestação da guarda-redes Cristina Branco que defendeu três remates em situação de um contra zero. Defensivamente, as magrebinas optaram igualmente por sistemas muito avançados e mostraram muito maior ousadia, lançando o seu contra-ataque, que lhes permitiu terminar a primeira parte com a desvantagem mínima de um golo. Entretanto, o reinício das campeãs africanas foi demolidor, assegurando uma vantagem de três golos, que não foi mantida por muito tempo pelas nossas jogadoras. O jogo decorreu a partir daí sob o signo do equilíbrio, embora Angola se mantivesse sempre na condição de vencedora.



FUTEBOL



QUINZINHO REGRESSA AO "GIRABOLA"

uinzinho prepara-se para representar o Recreativo da Caalá, do Huambo, no presente Girabola-2010, aos 35 anos. "Ainda tenho muito futebol para dar. Fiquei seis meses parado, mas com o treino vou ao sítio. Quero jogar mais dois anos, depois ainda não sei o que vou fazer", disse ao site "Mais Futebol". O ex-internacional angolano chegou ao F.C. Porto em 1995, oriundo do ASA. No ano seguinte, marcou o primeiro golo na história da selecção de Angola, numa fase final de uma Taça das Nações Africanas, em 1996, na África do Sul. Contudo, nas Antas, as alegrias surgiam a espaços. "Foram

dos melhores anos da minha vida, venci dois campeonatos e duas taças, mas havia Mário Jardel. Mas sinceramente, esperava mais dessa passagem pelo F.C. Porto. Quinzinho jogou no F.C. Porto, mas também na União de Leiria, Rio Ave, Farense, Aves, Alverca e Estoril. Esteve ainda no Rayo Vallecano, em Espanha. Em 2002, experimentou o futebol chinês, ligado ao clube Xiamen Lanshi até o ano passado, onde, era conhecido como Qiao Ji Mu, que quer dizer Quinzinho na língua chinesa. "Foi uma experiência muito boa, é um país diferente, mas com qualidade no futebol e no estilo de vida".



UA ELOGIA CAN DE FUTEBOL EM ANGOLA

Presidente da Comissão da União Africana (CUA), o gabonês Jean Ping, manifestou, em Addis Abeba, a sua satisfação pela forma brilhante como o Governo angolano organizou a Taça de África das Nações em Futebol, CAN Orange Angola' 2010. Jean Ping assegurou que o êxito obtido por Angola vai repetir-se no Campeonato do Mundo de Futebol, a ter lugar em Junho próximo, na África do Sul, e condenou o ataque bárbaro perpetrado pela FLEC em Cabinda contra a selecção nacional do Togo. O presidente da Comissão da União Africana qualificou de injustificável, e aproveitou também a ocasião para endereçar as suas condolências "aos irmãos e irmãs do Haiti, afectados pela catástrofe do sismo, a 12 de Janeiro de 2010". "Não esqueceremos com triste emocão o ataque injustificável perpetrado contra o autocarro que transportava a equipa nacional do Togo, que causou a morte de duas pessoas, inclinando-nos em sua memória", disse.

MWANGOLÉ



COM TEMA DEDICADO À POBREZA

OMA ABRE "JORNADA DA MULHER"

ma palestra sobre a "pobreza cultural", presidida pela professora santomense Inocência da Mata, realizada no dia 28 de Fevereiro, na sede Associação dos Estudantes Angolanos, em Lisboa, inaugurou a "Jornada da Mulher" em Portugal, que vai decorrer até o dia sete de Março. Durante a palestra, Inocência da Mata citou um relatório do Programa das Nações para o Desenvolvimento (PNUD), se-

gundo o qual cerca de 50 por cento de mulheres angolanas, sobretudo em Luanda, Luena (Moxico), Lobito (Benguela) e Lubango (Huíla), tornaram-se chefes de agregados familiares, por razões da guerra e da poligamia praticado pelos seus companheiros, factores que levaram a que estas mulheres sozinhas vivessem e educassem os filhos. Nas palavras de boas-vindas, a primeira secretária do comité da OMA, Ana do Céu Branco, apelou "ao apoio aos esforços do Governo na luta





contra todas as formas de violência contra as mulheres angolanas". Realçou o espaço que as mulheres vão conquistando na sociedade angolana e apelou à dignidade da mulher que deve trabalhar para a materialização das orientações emanadas do recente VI Congresso ordinário do MPLA, designadamente no rigor e gestão da coisa pública. Constaram ainda do acto, a realização de exposição plástica e de trajes tradicionais do País.

A cerimónia foi animada por música e petiscos nacionais, e ainda por um desfile de moda, protagonizado por membros da OMA. O programa geral de actividades contempla ainda um jantar de confraternização, na associação dos Deficientes das Forças Armadas (dia dois de Março), assim como uma conferência, intitulada "direitos iguais, oportunidades iguais e progresso para todos", e uma sessão cultural, no dia sete de Março.

EMBAIXADOR BARRICA NA OUTORGA DE "HONORIS CAUSA" À MALANGATANA



Embaixador José Marcos Barrica assistiu a cerimónia de outorga de doutoramento "honoris causa" da Universidade de Évora ao artista plástico moçambicano Malangatana. Na ocasião, o artista moçambicano, de 73 anos, agradeceu a "honrosa" presença do embaixador Marcos Barrica, pois, segundo ele, "Angola é um verdadei-

ro País irmão". A academia alentejana justificou a atribuição deste grau a Malangatana pelo reconhecimento das obras do pintor, que é também escultor, poeta, dançarino, cantor e contador de histórias. "Trata-se de um homem com uma inestimável dimensão humana e de cidadania, que projecta Moçambique além-fronteiras, professor de arte e de 'estórias', sobretudo para crianças", frisou a Universidade de Évora. O artista já participou em exposições colectivas ou individuais em países como Moçambique, África do Sul, Angola, Brasil, Cuba, Bulgária, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Holanda, Índia, Suécia, Noruega, Paquistão ou Portugal. A cerimónia contou com a presença do político português, Marcelo Rebelo de Sousa, que elogiou o trabalho desenvolvido por Malangatana.

EMBAIXADOR EM OEIRAS



embaixador José Marcos Barrica disse, durante uma conferência realizada no concelho de Oeiras, denominada "Oeiras - Angola: Novas Dinâmicas Empresariais", disse ter ficado "impressionado" com o desenvolvimento atingido por aquela localidade portuguesa, pelo que recomendou o "reforço da cooperação já existente entre Oeiras e a província de Benguela, no âm-

bito do protocolo de geminação rubricado em 1997". Além do embaixador angolano e do presidente da câmara municipal local, Isaltino Morais, o painel da conferência esteve ainda constituído por Américo Thomati, presidente do Taguspark, e Nuno Manalvo, da direcção da AITECOEIRAS. Durante a sua visita ao concelho de Oeiras, Marcos Barrica, na companhia de Isaltino Morais, percorreu alguns dos locais mais emblemáticos do município, como o "Parque dos Poetas", Taguspark e a Quinta da Fonte, local onde também visitou a obra do futuro Centro de Congressos.



FICHA TÉCNICA: Edição dos Serviços de Imprensa da Embaixada de Angola em Portugal - Avenida da República, 68 - 1069-213 Lisboa Tel.: 217942244 - 217971736 - Fax: 217986405 - www.embaixadadeangola.org - E-mail: emb.angola@mail.telepac.pt Paginação: António Salsinha - www.antoniosalsinha.com • Tiragem: 30.000 exemplares • Depósito Legal: 171.523/01